

## **A interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo**

Luís Filipe Cunha e Purificação Silvano  
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Em línguas como o Português Europeu existe um vasto conjunto de verbos que seleccionam orações completivas de tipo infinitivo. Neste sentido, o objectivo central do trabalho que nos propomos realizar será o de investigar as relações temporais que se estabelecem nas referidas construções, procurando distinguir quais os elementos linguísticos que contribuem para a sua determinação.

### **1. A interpretação temporal de completivas não finitas introduzidas por *dizer* e *afirmar***

O objectivo central desta secção será o de investigar os mecanismos linguísticos que regem a determinação da localização temporal das orações completivas não finitas seleccionadas por verbos como *dizer* e *afirmar* que, como discutiremos mais adiante, se revelam relativamente “neutros” no que diz respeito ao “condicionamento” do estatuto temporal das subordinadas com que se combinam, assumindo-se, sob um tal ponto de vista, como itens cujas propriedades lexicais parecem não influir directamente no estabelecimento dos intervalos associados às situações descritas.

Procuraremos, nesse sentido, dar resposta às seguintes questões: (i) Que factores linguísticos estão envolvidos na computação da localização temporal das completivas não finitas de verbos como *dizer* e *afirmar*? (ii) Como interagem entre si? (iii) Serão as formas do infinitivo, nestes contextos, totalmente desprovidas de informação temporal?

#### **1.1. O papel das classes aspectuais de predicacões**

Uma análise, ainda que superficial, às orações subordinadas completivas com Infinitivo introduzidas por verbos como *dizer* ou *afirmar* revela que a classe aspectual das predicacões envolvidas desempenha um papel de crucial relevância em termos da sua interpretação semântica.

Na realidade, podemos observar que, em termos gerais, os estados ocorrem, sem causar quaisquer problemas, nos referidos contextos, contrastando com os eventos que, na sua grande maioria, ocasionam anomalia semântica. Contrastem-se, a este respeito,

(1)-(4), em que figuram estados (básicos ou derivados) com (5)-(8), que integram eventos de vários tipos.

- (1) Quarenta anos depois da publicação do seu primeiro livro de poesia, o escritor afirmou ser alérgico a ter de escrever por obrigação. (N/P, par 7714)<sup>1</sup> (estado de indivíduo)
- (2) Ao telefone com um intérprete, disse estar cheio de medo de que o matassem. (N/P, par 2822) (estado de estádio)
- (3) A única testemunha (...) disse estar a pescar a cerca de 50 metros do local, às 9h 45, quando ouviu um grande estrondo. (N/P, par 22730) (estado progressivo)
- (4) O João disse ler o jornal todos os dias / habitualmente. (estado habitual)
- (5) # A Ana disse correr. (processo)
- (6) # O Guilherme afirmou comer a sopa. (processo culminado)
- (7) # O Zé disse perder as chaves de casa. (culminação)
- (8) # O Rui afirmou espirrar. (ponto)

Enquanto os estados básicos em (1)-(2) ou derivados em (3)-(4) ocorrem, sem problemas, nas subordinadas infinitivas introduzidas pelos verbos *dizer* e *afirmar*, numa interpretação consistente de sobreposição ao tempo das situações descritas na oração matriz, já os eventos representados em (5)-(8) parecem causar anomalia semântica em tais condições.

A observação de que o “perfil” aspectual das situações envolvidas desempenha um papel crucial no que respeita ao licenciamento deste tipo de configurações pode ser confirmada pelo facto de a comutação dos eventos de (5)-(8) em estados – por exemplo, através da aplicação do operador de Progressivo ou do perspectivador de habitualidade – tornar os exemplos correspondentes perfeitamente aceitáveis (cf. (9)-(12)):

- (9) A Ana disse estar a correr. (estado progressivo)
- (10) O Guilherme afirmou estar a comer a sopa. (estado progressivo)
- (11) O Zé disse perder as chaves de casa todas as semanas / habitualmente. (estado habitual)
- (12) O Rui afirmou espirrar todos os dias / habitualmente. (estado habitual)

A distinção entre estados e eventos terá, pois, um forte impacto no que se refere à interpretação temporal das completivas com infinitivo no contexto de verbos como *dizer* e *afirmar*. Nas próximas subsecções deste trabalho procuramos investigar em que medida uma tal oposição, em conjugação com outros factores linguísticos, condiciona as relações temporais observadas.

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho recorreremos, com alguma frequência, a exemplos retirados de corpora, nomeadamente do Natura/Público, referenciado como N/P, e do CETEM/Público, referenciado como C/P.

## 1.2. A perspectiva tradicional: ausência de marcas de temporalidade no Infinitivo

Segundo as concepções de carácter mais tradicional (Mateus *et al.*, 1993; Bosque e Demonte, 1999), o Infinitivo Simples é inteiramente desprovido de marcas ou traços de temporalidade, revelando-se, nessa medida, de todo incapaz de contribuir para a determinação da localização das orações em que toma parte. O estatuto temporal conferido às completivas infinitivas seria, pois, exclusivamente condicionado pela informação relevante veiculada pelo verbo introdutor presente na frase matriz.

Os dados até aqui apresentados parecem poder ser facilmente integrados num tal ponto de vista. Vejamos em que medida.

Kamp e Reyle (1993) sugerem que a distinção aspectual entre estados e eventos se reflecte em importantes diferenças no que respeita à interacção que estes dois tipos de situação mantêm com os intervalos em que ocorrem: enquanto os estativos estabelecem uma relação de sobreposição ('overlap') com os respectivos Tempos de Localização ('Location Times'), os eventos encontram-se, tipicamente, incluídos no intervalo de tempo com que comparecem.

Isto significa que os estados podem começar antes e prolongar-se para além do seu intervalo de localização, ao contrário do que sucede com os eventos, que devem ocorrer integralmente no seu interior.

Tal oposição será de crucial importância para a clarificação das divergências, em termos de aceitabilidade, que observámos entre (1)-(4), por um lado, e (5)-(8), por outro. Tomando como ponto de partida a ideia de que, por si sós, os Infinitivos Simples representados nas completivas não são portadores de quaisquer indicações relevantes ao nível temporal – nomeadamente no que se refere à relação com o respectivo Ponto de Perspectiva Temporal – poderemos atribuir as suas especificidades interpretativas às diferenças aspectuais mencionadas.

Podendo, como já referimos, a duração dos estados transcender a dos intervalos com que se combinam, o facto de, no contexto de orações infinitivas, não estabelecerem uma relação específica (de anterioridade, de sobreposição ou de posterioridade) com o intervalo de tempo associado à situação da oração principal não levanta problemas, na medida em que a sobreposição entre as situações é sempre uma possibilidade deixada em aberto, o que torna os exemplos em (1)-(4) perfeitamente aceitáveis.

Pelo contrário, o facto de os eventos se encontrarem forçosamente confinados à extensão dos respectivos intervalos de localização impõe que estes tenham que ser devidamente situados para que a especificação temporal das referidas eventualidades seja efectuada. Ora, se assumirmos que as orações com Infinitivo Simples não manifestam traços de temporalidade, não estaremos em condições de lhes atribuir uma localização específica em relação à predicação matriz, ou seja, não temos forma de saber se o evento descrito é anterior, sobreposto ou posterior ao Ponto de Perspectiva Temporal relevante.<sup>2</sup> Uma tal indeterminação em termos de localização temporal dá,

<sup>2</sup> Recorde-se que, como já referimos, verbos como *dizer* ou *afirmar* não fornecem quaisquer indicações no que diz respeito à localização das subordinadas que seleccionam.

naturalmente, origem a anomalia semântica, como os exemplos em (5)-(8) parecem sugerir.

No entanto, a existência de orações com Infinitivo Simples integrando eventos no contexto de verbos introdutores como *dizer* e *afirmar* com uma leitura consistente de sobreposição levanta problemas à hipótese que acabámos de considerar (cf. (13) e (14)):

(13) O Tribunal intimou o arguido a designar um defensor e este disse escolher uma equipa de advogados de entre os juristas do Instituto de Ajuda Legal e da Ordem dos Advogados. (N/P, par 37104)

(14) O terrorista afirmou transportar consigo uma bomba-relógio.

Dado que as infinitivas em (13) e (14) contemplam eventos, cuja comutação em estados derivados não parece estar em causa, a determinação da sua localização deveria ser impossível. Como explicar, então a sua gramaticalidade e, mais especificamente, a leitura de sobreposição em relação à frase matriz que manifestam? O reconhecimento de marcas de temporalidade associadas ao Infinitivo Simples parece ser a melhor forma de legitimar tais estruturas. Vejamos se esta linha de análise é, de facto, sustentável.

### 1.3. O Infinitivo enquanto portador de informação temporal

No sentido de encontrar uma solução satisfatória para o problema levantado pela possibilidade de obtenção de uma interpretação de sobreposição entre certas infinitivas com eventos e a frase matriz com que co-ocorrem, exploraremos, em seguida, a hipótese de que o Infinitivo Simples, pelo menos nas orações subordinadas seleccionadas por verbos introdutores que não manifestam a capacidade de determinar a sua localização específica, será portador de alguma informação de natureza temporal.

Ao contrário do que sucede com os designados tempos finitos, que, como Kamp e Reyle (1993) sugerem, procedem, por um lado, à localização da eventualidade descrita em relação a um dado Ponto de Perspectiva Temporal (TPpt) e, por outro, à ancoragem do referido TPpt em relação ao tempo da enunciação, defenderemos a proposta de que as formas do infinitivo são defectivas em termos temporais, fornecendo unicamente indicações respeitantes ao primeiro tipo de relação mencionado.

Por outras palavras, segundo a análise que aqui estamos a propor, as formas do infinitivo somente estariam em condições de estabelecer a relação entre a situação descrita pela oração em que tomam parte e o respectivo TPpt, proporcionado pelo intervalo de localização descrito pelo verbo introdutor, não tendo a capacidade de fornecer quaisquer indicações quanto à relação entre o TPpt e o tempo da enunciação.

Nos exemplos que temos vindo a analisar, o Infinitivo Simples representado nas subordinadas estabeleceria com os verbos introdutores da oração matriz uma relação de sobreposição, o que nos permitiria explicar não só a interpretação atribuída às frases de (1)-(4) como também às de (13) e (14), na medida em que, na proposta em apreço, não é o “perfil” aspectual da situação mas as indicações temporais inerentes ao infinitivo que determinam a localização da oração subordinada em relação à principal.

Como explicar, porém, a anomalia patenteada por exemplos envolvendo eventos na oração infinitiva, tal como ilustrado em (5)-(8)?

Os eventos, como já dissemos, encontram-se tipicamente incluídos no Tempo de Localização a que se encontram associados; ora, esta obrigatoriedade de inclusão poderá facilmente entrar em conflito com a imposição da relação de sobreposição com o TPpt fornecido pela situação da frase matriz que caracterizaria as orações com Infinitivo Simples, na medida em que, de um modo geral, a sobreposição de uma dada eventualidade a um TPpt indicia a incompletude da situação em questão. Na verdade, se a eventualidade perspectivada na subordinada não se prolongar para além do TPpt a que se sobrepõe, deverá ser encarada como anterior a este, tendo em vista que atingiu já o seu ponto terminal. Como apontado em Smith (1991) e Cunha (2004), este tipo de explicação poderá ser invocado para o facto de tempos gramaticais como o Presente do Indicativo ou o Imperfeito, pelo menos nas suas leituras preferenciais, se comportarem como verdadeiros estativizadores.

Diversos factores em interacção, como a duração das situações envolvidas, a sua homogeneidade, a presença ou ausência de um ponto terminal intrínseco, assim como certas características de natureza discursiva, poderão condicionar o grau de anomalia semântica ostentado pelos eventos nos contextos em causa, explicando as divergências, em termos de aceitabilidade, que observamos entre (5)-(8), por um lado, e (13)-(14), por outro.

Assim, numa frase como (13), não só a culminação propriamente dita, expressa por “escolher uma equipa de advogados”, mas também o respectivo estado consequente parecem estar em causa, o que explicaria a facilidade com que os falantes assumem uma relação de sobreposição, em detrimento da mera inclusão, entre a situação da frase matriz e a da subordinada.

Já em (14), o processo que figura na subordinada parece ser suficientemente longo, não delimitado e homogéneo para poder estabelecer a relação de sobreposição com a predicação da oração principal, de forma a propiciar um resultado aceitável.

Uma investigação rigorosa dos diversos factores em interacção que condicionam a presença de eventos no contexto de subordinadas infinitivas introduzidas por verbos como *dizer* ou *afirmar* suporia, no entanto, um extenso trabalho de análise e a discussão comparativa de um vasto conjunto de exemplos ilustrativos. Dada a grande complexidade do problema, e tendo em consideração os objectivos e as limitações inerentes a este trabalho, não exploraremos aqui as razões que subjazem a uma tal variabilidade de comportamentos.

Seja como for, gostaríamos de destacar aqui a obrigatoriedade da emergência de uma leitura de sobreposição entre o evento da principal e o da subordinada como condição necessária para o licenciamento deste tipo de configurações.

A adopção da hipótese de que o Infinitivo Simples comporta alguma informação de natureza temporal, nomeadamente no que diz respeito à relação de sobreposição com o respectivo TPpt, permite-nos, pois, dar conta dos diversos padrões de comportamento manifestados pelas orações infinitivas no contexto dos verbos introdutórios que não determinam a localização das subordinadas que seleccionam. Sem o recurso a uma tal

concepção, a interpretação de exemplos como (13) e (14) seria praticamente impossível, na medida em que os eventos representados nas subordinadas tanto poderiam preceder, sobrepor-se ou seguir o intervalo em que ocorre a situação da frase matriz.

O tipo de análise que acabámos de delinear permite-nos, igualmente, enquadrar as propriedades temporais relevantes do Infinitivo Simples na caracterização mais geral das restantes formas de infinitivo. Nesse sentido, no contexto de verbos introdutores relativamente “neutros” em termos de influência temporal sobre as orações encaixadas, o Infinitivo Simples remeteria consistentemente para uma relação de sobreposição com o respectivo TPpt, i.e., o intervalo de tempo associado à situação descrita pela frase matriz, enquanto o Infinitivo Perfeito – construído a partir de *ter* + Particípio Passado não flexionado<sup>3</sup> – veicularia anterioridade relativamente ao TPpt relevante (cf. (15)-(16)) e o Infinitivo Futuro – expresso por *ir* + Infinitivo – daria conta da relação de posterioridade da situação face ao TPpt (cf. (17)-(18)):

- (15) Segundo a PSP, o suspeito disse ter comprado o estupefaciente em Lisboa, a um desconhecido, pela quantia de dez contos. (N/P, par 7823) (evento anterior ao TPpt)
- (16) Uma testemunha afirmou ter visto um indivíduo armado a disparar indiscriminadamente contra reféns, pouco antes de a polícia ter iniciado o ataque. (N/P, par 14045) (evento anterior ao TPpt)
- (17) O suspeito disse ir comprar o estupefaciente em Lisboa. (evento posterior ao TPpt)
- (18) Edberg (...) afirmou ir seguir o conselho do seu médico e descansar, não devendo ir ao Torneio de Estugarda da próxima semana. (N/P, par 43215) (evento posterior ao TPpt)

Uma hipótese como a que acabámos de apresentar não está, porém, inteiramente isenta de problemas. Existem, com efeito, configurações em que o Infinitivo Simples se encontra associado a uma situação localizada num intervalo inequivocamente posterior ao intervalo de localização fornecido pelo verbo da oração matriz, como ilustrado em (19) e (20):

- (19) O João decidiu sair de casa.
- (20) O presidente do município prometeu elaborar um memorando sobre todo o processo. (N/P, par 3195)

Poderíamos tentar contornar este obstáculo sugerindo que a informação temporal veiculada pelo Infinitivo Simples seria a de não anterioridade da eventualidade descrita em relação ao TPpt. Mas frases como (21) e (22), em que as situações das infinitivas

---

<sup>3</sup> Assumiremos aqui que as formas verbais que compõem o designado Sistema do Perfeito – incluindo o Infinitivo Perfeito – veiculam, mais do que indicações aspectuais de perfectividade, informação eminentemente temporal de anterioridade em relação ao respectivo TPpt. Para alguns argumentos em favor desta tomada de posição, veja-se (Cunha, 2004).

encaixadas parecem receber preferencialmente uma localização num intervalo anterior ao tempo associado à situação da frase matriz contrariam uma tal suposição:

- (21) Lembro-me de ver a Maria na festa do João.
- (22) Recordo-me de visitar a minha avó durante as férias grandes.

Será necessário, perante exemplos como estes, abandonar totalmente a hipótese de que as formas de infinitivo veiculam algum tipo de informação temporal? A resposta afigura-se-nos negativa. O que nas configurações em questão parece estar em causa é a natureza dos verbos introdutores. Com efeito, verbos como *pensar*, *prometer*, *lembrar* ou *recordar* diferem de *dizer* ou *afirmar* na medida em que manifestam uma influência directa no que diz respeito à localização das orações que seleccionam. Em casos como (19)-(22), as indicações de carácter temporal expressas pelo verbo introdutor parecem sobrepor-se integralmente àquelas que são veiculadas pelo Infinitivo Simples, sendo o verbo matriz que, em última instância, localiza a eventualidade da subordinada.

Na próxima secção deste trabalho procuraremos analisar, com mais pormenor, a influência determinante que certos verbos introdutores têm sobre as subordinadas com infinitivo que seleccionam.

## 2. A influência dos verbos introdutores na interpretação temporal das infinitivas

A observação de configurações com outros verbos introdutores conduz a diferentes interpretações temporais das orações infinitivas encaixadas. Com efeito, as características semânticas dos verbos introdutores podem ter um papel decisivo na leitura temporal das eventualidades representadas nas orações encaixadas. A diversidade de verbos introdutores inviabiliza, neste momento, uma análise exaustiva de todos, pelo que apresentaremos apenas alguns que nos parecem exemplificativos e outros que colocam questões interessantes de interpretação temporal.

### 2.1. Interpretações de sobreposição e posterioridade

Numa primeira tentativa para agrupar os verbos introdutores consoante a leitura que condicionam nas orações infinitivas encaixadas, separamos aqueles cujos complementos infinitivos têm interpretações futuras, como ilustrado nos exemplos de (23) a (28):

- (23) Moscovo pensa proibir a saída dos especialistas nucleares. (C/P, Ext 124)
- (24) Os portistas prometeram afirmar-se a nível internacional. (C/P, Ext 19599)
- (25) Depois de ter feito o ensino primário numa escola primária, desejou entrar para o seminário. (C/P, Ext 259422)
- (26) Eu quero assumir um compromisso com os alentejanos. (C/P, Ext 3562)
- (27) Para a instalação das novas áreas, a Petrogal espera ter condições razoáveis. (C/P, Ext 2177)
- (28) O João decidiu escrever um romance.

Nos exemplos apresentados, as eventualidades representadas pelas orações complemento localizam-se depois das eventualidades das orações matriz. Na verdade, os verbos com as características semânticas de *pensar*, *prometer*, *desejar*, *querer*, *esperar* e *decidir*, independentemente do tempo verbal em que surgem, projectam as eventualidades com que ocorrem, sejam elas estados ou eventos, num intervalo de tempo futuro ao da sua localização. Contudo, o exemplo (29) parece contradizer a estipulação feita:

(29) Pensei viver num país calmo. (C/P)

Em (29), o estado “viver” tem como leitura preferencial a de sobreposição, e não a de posterioridade, em relação ao estado associado a “pensar”. Advirá esta leitura do aspecto terminativo do verbo regente ou da natureza aspectual da eventualidade da oração encaixada? A análise de outros dados poderá fornecer-nos uma resposta.

(30) O advogado pensava estar de acordo com o seu cliente.

(31) O empreiteiro pensava construir um edifício para a Câmara.

(32) Roger Blin pensou dar o papel desta mulher desesperada e divertida a uma actriz cómica e gorda. (C/P, Ext 1082)

A observação dos dados de (30) a (32) remete para as seguintes conclusões: não é o aspecto terminativo do verbo regente que determina uma leitura de sobreposição da eventualidade da oração encaixada (comparem-se (29) e (30)); a natureza aspectual da eventualidade da oração complemento é responsável pela leitura de sobreposição com o estado “pensar”. Note-se, porém, que, embora esta seja a interpretação preferencial em estruturas com estados nas orações complemento do verbo *pensar*, há predicados que impõem uma leitura de posterioridade, como em (33):

(33) Pensei ser médica.

Apesar de certos verbos introdutores de completivas infinitivas licenciarem somente leituras de futuro, a ocorrência de alguns com orações finitas pode significar outras leituras. Por exemplo, em relação a *prometer*, é interessante notar que, em Inglês, este verbo co-ocorrendo com orações finitas pode ter uma leitura de sobreposição, facto este demonstrado por Abusch (2004) através do exemplo (34).

(34) In her phone call to Guido, Monique promised that she was in the office, not at Paul’s place. (Abusch 2004)

Porém, a localização temporal do estado descrito na oração complemento no mesmo intervalo de tempo que o evento representado na oração principal não é possível quando a oração finita passa a infinitiva, como em (35).



- (35) In her phone call to Guido, Monique promised to be in the office, not at Paul's place. (Abusch 2004)

De acordo com Abusch, a possibilidade de *promise* com orações complemento finitas ter a interpretação de sobreposição deriva do facto de este verbo ser ambíguo lexicalmente entre uma leitura de compromisso e de afirmação. Com as orações complemento infinitivas, *promise* parece caracterizar-se por uma significação mais limitada.

Em Português Europeu, a leitura de sobreposição em configurações com o verbo *prometer* a introduzir orações finitas resulta estranha. No entanto, a sua substituição pelo verbo *jurar* melhora significativamente a frase e autoriza uma leitura de sobreposição da oração complemento, sendo esta aliás a interpretação preferencial. Com predicados eventivos, a leitura que o verbo *jurar* condiciona é a de posterioridade (cf. (36)):

- (36) O arquitecto jurou cumprir o prazo de entrega do projecto.

Para além de *jurar*, há outros verbos cujas orações infinitivas encaixadas podem ter ou uma leitura de sobreposição ou de posterioridade. Em (37), a interpretação preferencial da oração complemento é a de sobreposição em relação à oração matriz. Mas, basta colocar um adverbial temporal com a informação de futuro, como em (38), ou alterar o predicado da oração complemento, como em (39), para a leitura da frase ser diferente, sendo atribuída à oração encaixada uma interpretação de posterioridade.

- (37) A Maria prevê estar grávida.  
 (38) A Maria prevê estar grávida no próximo mês.  
 (39) A Maria prevê manter o seu emprego.

Mais uma vez, se o predicado da oração infinitiva for eventivo, a sua localização temporal é num intervalo de tempo posterior ao da ocorrência de “prever”, como revela o exemplo (40):

- (40) O Manuel prevê comprar um carro.

Portanto, neste primeiro grupo de verbos introdutores, distinguem-se dois sub-grupos. O primeiro inclui verbos como *prometer*, *decidir*, *desejar*, *querer* e *esperar* que condicionam preferencialmente leituras de futuro nas orações complemento infinitivas. O segundo divide-se em mais dois sub-grupos: num encontram-se verbos como *pensar* e *jurar* cujas orações complemento infinitivas têm preferencialmente uma leitura de sobreposição, se forem predicados estativos, e de posterioridade, se forem predicados eventivos; do outro sub-grupo fazem parte verbos como *prever* que podem estabelecer com as suas orações complemento infinitivas ou uma relação de sobreposição ou de posterioridade, dependendo dos predicados envolvidos nas orações encaixadas.

## 2.2. Interpretações de anterioridade

Até ao momento, analisámos configurações com leituras de sobreposição e de posterioridade entre as eventualidades representadas pelas duas orações. Mas será que há estruturas em que seja viável uma interpretação de anterioridade da oração encaixada em relação à oração matriz?

O infinitivo em orações completivas de verbo parece veicular apenas a informação temporal de “não-passado”, constatação esta comprovada pela incompatibilidade da co-ocorrência com adverbiais temporais que remetem para um tempo passado. Não obstante esta observação, há exemplos como os de (41) a (43).

- (41) Tinha doze anos e lembro-me de ouvir na televisão um concerto de Sonny Rollins e não aguentar aquilo. (C/P, Ext 77135)
- (42) Não é nada muito explícito mas lembro-me, quando era miúdo e vivia numa terra pequena, de conhecer uma série de pessoas que eram bombeiros voluntários, pessoas normais que de vez em quando se transformavam em criaturas que davam a vida sem retribuição. (C/P 1538981)
- (43) O subchefe lembrava-se de estar no gabinete da esquadra, a escrever documentos, quando Rosa entrou. (C/P, Ext 909200)

Nestas frases, as eventualidades representadas nas orações complemento, sejam elas eventos ou estados, estabelecem com “lembrar-se” uma relação de anterioridade, sendo a sua localização temporal fornecida pela primeira oração coordenada em (41) e pelas orações temporais em (42) e (43). Mesmo na ausência de adverbiais temporais ou outros indicadores da localização temporal da eventualidade da oração encaixada, a leitura não deixa de ser de anterioridade (cf. (44)).

- (44) Além disso, lembra-se de se interrogar como é que aquelas duas pessoas podiam tocar estilos de música tão diferentes. (C/P, Ext 44329)

Neste tipo de configurações, tal como acontece com *prometer* e *decidir*, as propriedades semânticas do verbo introdutor, *lembrar-se*, são responsáveis pela localização temporal das eventualidades das orações complemento infinitivas. Portanto, o infinitivo simples pode ter uma interpretação retrospectiva em completivas de verbo, para além da interpretação de sobreposição e de posterioridade.

Todavia, esta interpretação não surge em todos os tempos verbais do verbo em questão, como comprovam os exemplos de (45) a (47).

- (45) Por um imperdoável defeito meu, lembrei-me de adaptar a português a expressão “tax payer money”. (C/P, Ext 67208)
- (46) Gente séria lembrou-se de exigir justiça. (C/P, Ext 34055)
- (47) O Carlos lembrou-se de ser polícia.

Nestes exemplos, as eventualidades das orações encaixadas localizam-se num intervalo de tempo posterior, e não anterior, ao ocupado pela eventualidade da oração principal. Esta diferença na leitura temporal dos dados com o verbo introdutor *lembrar-se* verifica-se, porque, no Pretérito Perfeito, o verbo assume, na maioria dos casos, um outro significado, parafraseável por “tive a ideia de”. Contudo, há exemplos, como os de (48) e (49), que são ambíguos entre uma leitura de posterioridade ou de anterioridade das orações complemento quanto às orações principais.

- (48) O Manuel lembrou-se de estar com os amigos.  
 (49) Então lembrei-me de ver água e verde. (C/P, Ext 321813)

Esta ambiguidade semântica parece surgir apenas com predicados estativos, justificável pela própria natureza não delimitável dos estados. Na forma não reflexa, no mesmo tempo verbal, este verbo pode ainda determinar uma leitura de sobreposição das completivas infinitivas estativas em relação à oração principal, assumindo um significado diferente, a saber “trazer à memória”. Vejam-se os dados em (50) e (51):

- (50) Jardim foi «provocado» logo de início pelo jornalista Carlos Magno, coordenador do debate, que lhe lembrou haver quem tema que a regionalização conduza a muitos «albertos joões». (C/P, Ext 3888)  
 (51) Sublinhou que nenhum estudante verá o seu acesso ao ensino vedado por falta de recursos, e lembrou ser urgente o seguimento de outras medidas governamentais que resolvam os problemas do ensino em Portugal. (C/P, Ext 9528)

No início da apresentação desta parte, referimos que há verbos que condicionam a leitura das suas completivas infinitivas. No entanto, verificámos que o mesmo verbo pode ter interpretações temporais diferentes consoante a completiva seja um predicado eventivo ou estativo. Por isso, impõe-se a pergunta: Por que motivo há verbos que com predicacões estativas têm uma leitura de sobreposição e com predicacões eventivas uma leitura de posterioridade? As predicacões estativas não são delimitadas e podem sobrepor-se a qualquer ponto de perspectiva temporal esteja ou não previamente definido. Regra geral, os estados representados nas orações infinitivas sobrepõem-se às eventualidades das orações principais. Quando as orações infinitivas descrevem eventos, sendo estes delimitados a um dado intervalo de tempo, a fraca informação temporal que veiculam é apagada pelas características semânticas dos verbos regentes que determinam a sua localização temporal.

### 3. Conclusões

Sintetizamos, em seguida, a proposta que acabámos de desenvolver:

- As formas de Infinitivo Simples parecem codificar alguma informação de cariz temporal, embora esta se revele defectiva e nem sempre “visível” ou “activa”, dependendo do tipo de configuração relevante.

- No contexto de verbos introdutores, como *dizer* ou *afirmar*, que não contemplam instruções específicas no que diz respeito à localização da oração que seleccionam, o Infinitivo Simples favorece uma relação de sobreposição entre a subordinada em que ocorre e o tempo de localização da eventualidade da frase matriz.
- No contexto de verbos introdutores que, de alguma forma, condicionam a localização da oração que seleccionam, a informação temporal veiculada pelo Infinitivo Simples é preterida em relação à orientação conferida pelo verbo representado na frase matriz.
- Em determinados contextos frásicos, a interpretação temporal é condicionada não só pelo tipo semântico do verbo introdutor e pela natureza aspectual do predicado da oração complemento infinitiva, mas também pelo tipo de predicado e pela presença de adverbiais temporais. Daí, a obrigatoriedade de uma leitura composicional da frase.

## Referências

- Abusch, Dorit (2004) On the Temporal Composition of Infinitives. In J. Guéron & J. Lecarme (eds.) *The Syntax of Time*. Cambridge MA: MIT Press, pp. 27-53.
- Binnick, Robert (1991) *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (orgs.) (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española.
- Cunha, Luís Filipe (2004) *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Declerck, Renaat (1991) *Tense in English: its Structure and Use in Discourse*. London and New York: Routledge.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Mateus, Maria Helena et al. (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Silvano, Purificação (2002) *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Smith, Carlota (1991) *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Press.